



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

**Signos e suportes contemporâneos: notas sobre a literatura infantil e
juvenil**

**Contemporary signs and support: notes about Children's and Young
Adult Literature**

*Maria Zilda da Cunha**

RESUMO

O *design* do mundo atual – em face das revoluções tecnológicas e paradigmáticas – tem provocado indagações constantes. Nesse contexto, a literatura infantil e juvenil procura criar novas interfaces com a educação. Desafio que impulsiona uma investigação de aspectos teóricos e metodológicos subsidiários ao desenvolvimento da recepção estética e crítica mais adequada ao leitor contemporâneo. No presente artigo, orientados por proposições de G. Agamben e de M. Maffesoli, destacamos alguns sinais da contemporaneidade. À luz desses pressupostos, identificamos aspectos da produção contemporânea para crianças e jovens no âmbito da temática, dos suportes e diagramas narrativos. O viés do comparativismo literário propicia traçarmos formas de leitura que podem contribuir para o desenvolvimento de uma recepção estética e crítica mais adequada ao nosso leitor em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor; Literatura infantil e juvenil; Suportes e signos contemporâneos

ABSTRACT

The current world design – in view of technological and paradigmatic revolutions – has encouraged constant inquiries. In this context, Children's and Young Adult Literature tries to create new interfaces with Education, a challenge that calls for an investigation of theoretical and methodological aspects ancillary to the development of an aesthetic and critical reception which can be more adequate for the contemporary reader. In the light of these presuppositions, this article aims at identifying some aspects of the contemporary production for children and young adults concerning themes, support and narrative structure. The perspective of comparative literature allows us to outline

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP. Pesquisadora CNPQ. Docente do Programa de Estudos Comparados em Estudos de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – USP – São Paulo – SP – Brasil. mariazildacunha@hotmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

reading modes that can contribute to the development of a more adequate aesthetic and critical reception by our budding-readers.

KEYWORDS: Reader; Literature for young readers; Support and contemporary sign system

Introdução

É fato que vivenciamos um estágio bastante complexo na história da humanidade em que se redesenha um espaço não contíguo de redes móveis de pessoas e de tecnologias em conexões contínuas. Para Santaella (2010), experimentamos uma importante e inaudita revolução antropológica. Novas subjetividades são geradas em contínua mutação, enquanto as tecnologias da inteligência se tornam cada vez mais maleáveis e aptas a abrigar subjetividades em construção no contexto de comunidades adaptativas.

Não sem algum espanto, percebemos, nos intercâmbios de toda espécie, processos devastadores entre povos e culturas agenciando violências identitárias, religiosas, culturais, guerras, atos potencialmente desestabilizadores do que entendemos por convivência humana. Testemunhamos um final de século visivelmente marcado por queda de valores que davam ancoragem à vida social. As grandes instituições perdem seus poderes e passam a ser nichos para microentidades como sindicatos e outras organizações formais, baseadas em afinidades eletivas do grupo que as institui. Multiplicam-se as religiões e a vida social fragmenta-se em agrupamentos constituídos por elos formados pelas linguagens, raça, sexo, drogas, criando outras formas de solidariedade (que ainda não compreendemos). Coloca-se em questão o usufruir de um mundo disponível que se dá a ver.

No campo do conhecimento, visualizamos diversos mecanismos de especialização das áreas do saber – legado de séculos anteriores – que nos conduziram a uma miopia generalizada; fato que aponta para uma necessidade de reforma do pensamento – no dizer de Morin – que minimamente possibilite a compreensão dessa complexidade que nos enreda, que apreenda o contexto, o multidimensional, o complexo.¹

Educar nesta era de grande complexidade pressupõe, seguramente, reflexões bastante sérias acerca dos processos de aprendizagem em face de tudo o que se vivencia. Inevitavelmente, exige-se uma reflexão que não pode deixar de fora aspectos relacionados com o ensino, em especial se entendermos a educação como uma das áreas do saber em que se faz possível construir conceitos de inteligibilidade, a fim de fazer valer novos princípios valorativos que motivem o pensar, o sentir, o querer do homem;

¹ Complexo no sentido de fios heterogêneos tecidos em conjunto na construção de uma trama interdependente e interativa.

em suma, que se faça refletir sobre o projeto do homem mediante o que hoje já se denomina de o pós-humano.

Neste momento de nossa história e nessa ordem de ideias, a hipótese que nos anima é que enlaçar a educação e a literatura equivale a redimensionar forças para intercambiar saberes e construir patamares para a desafiadora perspectiva de se vislumbrar uma nova forma de humanidade. Se o imaginário do século passado trouxe certa fascinação com as máquinas, alertou-nos, ao mesmo tempo, para a ameaça do controle das máquinas sobre os homens. Para além da lógica mecânica, inserimo-nos hoje em um universo digital em que nossa memória, nossas identidades se apresentam como sistemas de processamento de dados. Ora, a sociedade contemporânea está viva no que o humano tem de mais radical: sua indefinição – vive-se um presente caótico, violento.

Às artes, às ciências, à filosofia, à educação parece caber a tarefa de abrir brechas na segurança do que já se pensou e colocar perguntas novas. Estarmos atentos às potencialidades e negatividades desses processos pode garantir a nossa sobrevivência cultural, estética, social e política. Perscrutar as diversas manifestações socioculturais contemporâneas pode nos levar a constatar que ainda há vida para além do artificialismo do mundo.

Se há uma marca fundamental em nossa época, em face dos desafios das transformações contínuas, ela concerne à necessidade de encontrarmos senhas de acesso à inteligibilidade desses fenômenos e nos situar em um debate cujo desejo é o de contribuir para um exercício reflexivo.

Seguindo Maffesoli:

Pode-se dizer que a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido do coletivo. Entendo, neste caso, determinação em seu sentido lógico e etimológico de *determinatio*. No sentido lógico: aquilo que limita. No sentido etimológico: o que circunscreve, o que delimita (um campo) mas também o que dá vida, o que permite que haja a cultura, em oposição ao indeterminado do deserto. (1995, p. 65).

Depreende-se que o cotidiano na contemporaneidade, para esse sociólogo, pode ser visto a partir de dois aspectos essenciais: não se reduz à simples razão instrumental do utilitarismo e não se limita à separação imposta durante a modernidade. Sendo assim, o cotidiano não é mais um conceito reduzido a teorias, mas um “estilo de estar no

tempo” que carrega o olhar sobre as minúcias. Não é um conjunto de situações ou modos de pensar e viver alienados, mas se constitui como uma rede complexa de eventos, ações, pensamentos com organicidade e em relação a um conjunto mais amplo. Para o autor, a experiência sensível é capaz de enriquecer o saber pois possibilita uma face importante da experiência humana: “os elementos arcaicos, como constantes antropológicas, são ao mesmo tempo, integrados e torcidos. São aceitos enquanto tais e, ao mesmo tempo, revisitados” (MAFFESOLI, 1998, p. 178). No cotidiano, tornamo-nos observadores de nós mesmos, do outro e do mundo, da história, da vida que vivemos.

A vida, ou os imaginários que ela suscita, devem ser tomados por aquilo que são, ficando claro que sua eficácia é real, que esta é a única que nos importa a partir do momento em que desejamos levá-la a sério. (MAFFESOLI, 1998, p. 180).

Em face dessas considerações, cabe advertir, as reflexões aqui empreendidas constituem parte muito pequena de uma pesquisa maior que desenvolvemos com o grupo de pesquisa sobre produções contemporâneas para crianças e jovens. Para essa empresa, temos nos apoiado em teorias que nos permitem enlaçar fronteiras do conhecimento; a teoria peirceana, por exemplo, perscruta semioses – ou a dinâmica viva, evolutiva e multiplicadora que engendra processos criativos e intelectivos. Tal horizonte teórico leva-nos a valorar positivamente a multiplicidade e a diversidade crescentes como as formas artísticas vêm se apresentando, bem como a entender que desse modo estamos mais dispostos ao poder sensório, perturbador e também cognitivamente transformador da arte.

Complementando esse raciocínio, parece-nos importante assinalar como a articulação entre as áreas do saber, como a psicologia do desenvolvimento, as ciências cognitivas, as ciências da computação e o estudo das vidas artificiais e da robótica motivaram relações outras aos estudos de ensino e aprendizado. Ao retomar a preocupação com fatores fundamentais da cognição humana em inteligências artificiais, acabam por entender ligações indissociáveis entre mente e corpo e por afastar a certeza das concepções estritamente racionalistas. A razão engendra sensibilidades. Estas inevitavelmente engendram os processos intelectivos.

No âmbito dos estudos da Literatura Comparada tem-se a possibilidade de diálogos interdisciplinares, interculturais e intersemióticos; ao considerar positivamente a diversidade, a multiplicidade, a reciprocidade, esse campo do conhecimento promove

intercâmbios teóricos e metodológicos entre diferentes artes e territórios do saber, elaborando-se como um espaço reflexivo para a compreensão sensível e a crítica do fenômeno literário. Dentro dessa perspectiva, o diálogo da Literatura com a Educação pode contribuir para formas de apalpar os fenômenos humanos que se formam na contemporaneidade.

1 O que significa ser contemporâneo?

Essa questão constitui assunto de singular importância no contexto de nossa discussão. Na verdade, alude ao título do livro de Giorgio Agamben, *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Com esse autor aprendemos que todos os tempos são obscuros para quem deles experimenta a contemporaneidade.

É verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através deste deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O autor alerta-nos para uma exigência da atualidade em relação ao presente que se traduz numa desconexão e numa dissociação. Trata-se de um deslocamento que permite apreender o tempo que é nosso. Os que coincidem plenamente com a época não são contemporâneos porque não conseguem vê-la. O contemporâneo mantém fixo o olhar para perceber no seu tempo a obscuridade especial que lhe concerne e que não cessa de interpelá-lo. Para Agamben (2009), o presente – onde nos mantemos – tem o dorso fraturado – reside aí importante intempestividade. O anacronismo nos faculta apreender o nosso tempo na forma de um “muito cedo” que é também um “muito tarde”, de um “já” que é, também, um “ainda não”.

Nessa ordem de ideias, vale considerar com Maffesoli o caráter desafiador das consequências epistemológicas e existenciais que as transformações que estão ocorrendo têm imposto às reflexões intelectuais de nosso tempo. Esse autor expõe a dificuldade de se compreender as relações e fenômenos sociais que estão apenas em estado nascente, expõe também o quão necessário será não resistir às novas categorias de pensamento e arranjos sociais que vêm emergindo.

Com base em reflexões foucaultianas, M. Maffesoli lembra que, historicamente, passamos por um lento processo de domesticação dos costumes. Processo que levou à constituição de um estar-juntos previsível e racionalizado. Com essa racionalização, deu-se:

[...] o nascimento de uma família cristalizada em sua estrutura nuclear, que favoreceu a implementação do trabalho e gerou grandes instituições de ensino e do trabalho social sem esquecer os diversos tipos de confinamento em que os séculos XIX e XX não foram nada avaros. (MAFFESOLI, 2004, p. 15).

O constructo da modernidade retraiu o sentido do coletivo, geriu uma tendência de homogeneização nas configurações sociais, econômicas e religiosas. A impressão de tudo se tornar mais bem definido era a promessa de uma ordem capaz de “reduzir a complexidade social”, de organizá-la. No lugar da pluralidade de religiões, dialetos e costumes há uma ordenação em prol de alianças nacionais. O conjunto de representações através das quais “uma época narra a história a si mesma” – as mitologias, os contos e as lendas (da pré-modernidade), estruturalmente plurais – foi substituído pela formação de grandes sistemas ideológicos. A ciência foi concebida como a melhor forma de entender as verdades. A razão justifica o indivíduo como Senhor do mundo e da história, só “[...] tem valor aquilo que é acabado, o que pode entrar numa ordem utilitária.” (MAFFESOLI, 2004, p. 17).

É fato que a segurança de uma representação que dava unidade política e ideológica a sistemas de crenças sofreu sérios abalos. Palavras-chave como indivíduo, história e razão tornam-se defasadas em face da realidade contemporânea, ganhando força noções mais voláteis. Na concepção de Maffesoli, empiricamente, pode-se aceitar a hipótese de o indivíduo, a história e a razão cederem lugar à uma fusão afectual que se encarna no presente à volta de imagens “comuniais”. O indivíduo – fragmentado – emerge como persona e desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se e as identificações múltiplas multiplicam-se. Cada qual só existe no e através do olhar do outro. O processo atual remete para a realidade quotidiana, em que a heteronomia prevalece. Mudança paradigmática que se alia a uma inversão de tempo – o que importa não é mais a história linear, mas as múltiplas histórias humanas. O tempo contrai-se em espaço. Um “presentismo” contamina as representações e as práticas sociais, em especial as dos jovens.

Nos dias atuais, vive-se um retorno vigoroso dos conchaves da imaginação. As tecnologias, segundo Maffesoli, estão a favorecer o reencantamento do mundo. Nosso modo de ser e de pensar está perpassado pela imagem, pela virtualidade, pelo imaterial. Tem-se um “imaginal” que se exprime de forma lúdica – presente e prenante – constitutivo de um estar juntos fundamental (MAFFESOLI, 2004, p. 30).

2 Notas sobre a Literatura Infantil e Juvenil

Em linhas bem gerais, as reflexões de Maffesoli sobre o constructo da modernidade (ou pós-medievalidade) permitem enlaçar um período em que, conforme sabemos, ocorre a descoberta da criança², as relações que se estabelecem entre a literatura³ e a educação⁴ em uma dinâmica cultural, social e histórica que engendrou o desenvolvimento da literatura infantil e juvenil como gênero específico (ZILBERMAN, 1987). Contexto no qual, para cooperar com a família e com a escola na educação dos pequenos, configurou-se uma espécie de ficção preparada para desenhar uma pretensa realidade homogênea e orientada por princípios da ordem para o progresso – modelo que perseguia o veraz e o didático, cuja evidência emerge com narrativas presas ao tempo linear do relato, discurso autoritário do narrador e predominância do aspecto referencial da mensagem. Vale ressaltar aqui que, nas dobradas que enlaçam as artes e a história, permanecem mistérios que nelas se inscreveram – cifras da história humana que, sensíveis, escapam às evidências. A literatura infantil e juvenil⁵ tece-se dessas cifras.

² A descoberta da criança, como ser diferenciado do adulto, em conformação com o desenvolvimento da ideologia burguesa, da formação da família unicelular, marca, para alguns estudiosos, o início da literatura infantil.

³ As *Fábulas* (1668), de La Fontaine; *Os Contos de Mamãe Gansa*, de Charles Perrault; os contos maravilhosos recolhidos pelos Grimm, os escritos por Andersen, entre outros, considerados os livros pioneiros do mundo literário infantil, constroem-se em diálogos com textos da antiguidade, perpetuando-se por meio das estórias orais. São narrativas que permanecem vivas, ora pelo caráter premonitório, ora pelos valores universais – morte, vida, sexo, sobrevivência, fome, poder –, que estão inscritos no avesso desse tecido textual, ora pela ambiguidade, ambivalência, indeterminação temporal e magia que os caracteriza. Sob o selo da razão instrumental, no entanto, transfiguram-se muitos dos caracteres: literário, lúdico, erótico e mágico dessa literatura.

⁴ Na educação dos pequenos, normalmente vinculada à família e à escola, tornou-se fundamental investir, prioritariamente, nos aspectos do desenvolvimento do conhecimento de áreas da ciência e da orientação ética e moral.

⁵ Essa literatura tem raízes muito longínquas: os contos maravilhosos, os contos de fadas, as fábulas; em suma, o conjunto de narrativas que veio a constituir a literatura infantil no século XVIII desenvolveu-se a partir da era oral do mito, os princípios pagãos fundem-se aos do espiritualismo cristão, na passagem da Era Clássica para a Romântica. Tal literatura, antes dirigida para os adultos, incorporada pela tradição oral popular, transforma-se em literatura para crianças.

É fato que cada época se constrói por uma força que impregna evidências a rigor refletidas nas produções culturais. Morin diz que “[...] o poder imperativo e proibitivo do conjunto dos paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos” (MORIN, 2003, p. 27). E o declínio dessa ideologia demora a acontecer. Como afirma Maffesoli (20012, p. 107), ela continua “[...] a difundir nas várias instâncias oficiais (educação, política, social)”. Além da rotina e do preconceito, que permanecem assombrados pelo espectro desses princípios, faz-se necessária uma recusa à recondução do dogma e do conformismo. Na visão desse sociólogo, graças ao desenvolvimento tecnológico, está renascendo um imaginário de antiga-memória⁶.

Para ele, concerne a nossa era categorias como o cotidiano e o imaginário. Àquele não cabe mais sua crítica, mas dizer sim à vida, a este cabe coesão da vida social. Esse imaginário (categoria estigmatizada pela razão, porque solicita o sensível) reaparece graças à tecnologia – aos objetos inanimados diz: “você têm vida”. Ele não se descola do cotidiano, mas pulsa nele como o coração da vida social (exprime o sentido trágico da existência). A marca desta nossa era, dessa forma, está na encenação da imagem e sobre a incidência do lúdico. A razão e o sensível – partes equivalentes – convocam uma educação contra a normatização e um olhar sensível para a tecnologia.

Nessa ordem de ideias e no mover de paradigmas, ao texto literário para crianças e jovens pode ser facultada a retomada de potencialidades prefiguradas em sua instância polissêmica, plural e de tessitura híbrida, possibilitando formas de sensibilidade que podem encarnar-se por meio de imagens, diagramas e de metáforas no cinema mental da imaginação leitora ou em linguagens manifestas em forma de novos textos.

A fruição da obra artística, assim, reclamará de seu leitor uma disponibilidade singular para o engenho de hipóteses, convocando uma razão lúdica e criativa. Esta moverá processos de intelecção inerentes ao que está ali cifrado no enigma do verbo.

Tal capacidade de sensibilizar leitores, de desafiar o intelecto a perscrutar articulações que se escondem no jogo do verbo, desdobram-se em diversas formas e em inúmeros estilos, a engendrar em palimpsesto uma extensa rede discursiva, a qual abarca, em seu tecido, elementos do passado e do futuro enovelando-os no efêmero do presente. Nessa tessitura inscreve-se o convite para se descortinar saberes, desconstruir o que está pronto e reengendrar múltiplas compreensões. Aceitar esse convite, como

⁶ O autor refere-se a Mitos, contos maravilhosos e contos de fadas, narrativas de raízes muito longínquas.

leitor, é dispor-se ao encanto do encontro, uma vez que a literatura fala de nós para nós mesmos. Em suma, a literatura em sua amplitude versa sobre a tessitura humana que se configura ao longo da história em diversas eras civilizatórias, em diferentes formas de sociedades e diversas culturas.

Os aspectos da vida cotidiana podem urdir as temáticas de obras para crianças e jovens colocando o leitor diante de um jogo de significações propício ao pensar sobre o mundo. Retomando as reflexões de Maffesoli – um cotidiano que se reflete em uma dinâmica de rearticulações da ordem de afinidades eletivas, tais como tribos religiosas, sexuais, musicais – sem centro preciso e sem periferias discerníveis. Podem exemplificar, por exemplo as obras citadas a seguir:

1. “As mãos dos pretos” – do livro publicado pela editora Cotovia em 2008, *Nós matamos o cão tihoso*, do moçambicano Luís Bernardo Howana – é uma narrativa para adultos que, entretanto, tem forte ressonância entre crianças e jovens, podendo, portanto, ser apropriada pela literatura infantil e juvenil. No conto, inscreve-se a relação de aspectos identitários que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. O enredo, protagonizado por uma criança, desconstrói o mito bíblico da criação do homem a partir de um único barro com que Deus teria feito Adão, e interpõe a questão identitária do negro⁷.

2. *King & King*, de Linda de Haan & Stern Njland, lançado em 2012, é a história de um príncipe sem nome que se vê obrigado a casar para assumir o trono. A rainha, sua mãe, convoca princesas dos mais diversos reinos. O jovem, no entanto, não se sente atraído por nenhuma das candidatas que se apresentam. Certo dia, porém, chega ao castelo a princesa Madeline e seu irmão Lee. O jovem herdeiro, ao ver a princesa e o irmão, sente seu coração pulsar muito forte. Ele se apaixona perdidamente. Não pela princesa, mas pelo príncipe irmão que a acompanha. Diante de tal surpresa, a rainha não se opõe ao desejo do filho. E os preparativos se iniciam para a grande festa de casamento dos dois príncipes.

A narrativa resgata características dos contos maravilhosos e perfaz interessante subversão com a concretização do casamento dos dois príncipes. O personagem, figura anônima, é dotado apenas de identidade social estabelecida, e assumirá o reinado no lugar da mãe, após o casamento. A intertextualidade resgata uma estrutura textual familiar, mas insere uma nova visão de mundo recriada pela composição dos elementos

⁷ Uma análise completa desse conto, realizada por esta autora, encontra-se publicada em *Myths Revisited* Lisboa: Humus, 2014, p. 650-659.

na página, que incitam a ver a experiência imaginada a partir de um não-lugar, ou de um lugar outro, amparado por uma visão relativizadora. O texto concede à representação uma imersão no mundo atual, exprime significações (políticas, existenciais e metaliterárias) e ilumina dimensões do humano, através de questões de identidade e de alteridade (as relações de sexo, classes sociais ou grupos). Para além do verbal, instaura-se um diálogo divertido. A cumplicidade faz-se por meio de um enredo tomado de plasticidade e tecido de linguagens híbridas – a pintura, a linha, o desenho, colagem, textura e os tipos gráficos – que dinamizam a atenção do leitor para a captação de pistas intertextuais que ludicamente evocam a memória repertoriada desse interlocutor, o qual reconstrói a narratividade pelo percurso do olhar e do virar das páginas. O figurino do protagonista, seus gestos delicados são elementos compositivos que tecem o enredo contrariando as normas de gênero socialmente construídas. Destaca-se uma oposição ao modelo socialmente aceito que induz ao jogo de uma competição entre a heteronormatividade e a homoafetividade. O enigmático título *King & King* alia-se ao jogo de cena e à relação temporal da narrativa cujo protagonista é um príncipe herdeiro. O conjunto de elementos sugere a temática da homossexualidade.

Assunto esse ainda polêmico, inscreve-se na literatura para crianças tecido com delicadeza; o diálogo do verbal com o imagético propicia compreender uma realidade que se manifesta por meio de signos estéticos. Esse jogo lúdico de formas expressivas se conjuga no interpretar de um mundo, de uma sociedade em que as relações humanas podem ser baseadas no sentimento de ternura e respeito ao outro. A obra traz a ideia de resistência frente a modelos sociais definidores do papel de gênero. Aqui é possível lembrar Robert Darnton. Esse historiador, ao estudar as versões orais e tradicionais dos contos maravilhosos, comenta: “[...] eles diziam aos camponeses como era o mundo; e ofereciam uma estratégia para enfrentá-lo”. (1986, p. 78).

3. *Cena de rua* - publicada em 1994 – apresenta um enredo plástico e um tema do cotidiano, sensível e reflexivo. Realizada à semelhança de uma reportagem televisiva⁸, a obra de Angela Lago apresenta traz fotogramas em sequência ligados por uma lógica de implicação. Isso, sem auxílio do verbal, move a narrativa, cujos conflitos, vividos pelas personagens no tempo, se espacializam gerando a cena – meio da rua, congestionamento de trânsito, um menino de rua. A circularidade constrói para o protagonista uma vida sem saída.

⁸ Entrevista com a autora. Belo Horizonte, 2001.

As cenas compõem-se de figuras deformadas, cores fortes, que causam impacto ao olhar do leitor; essa construção hiperboliza a crueldade da vida de uma cidade grande, dando a visão de um cotidiano perverso. Pessoas são monstros. A deformação, dada pela câmara, é também o ponto de vista do narrador. A ambiguidade, os movimentos, a deformação, os flagrantes em contraste, o distanciamento (grandes planos e os closes) que a reportagem fílmica possibilita, abrem brechas para outros pontos de vista. O conflito, como princípio de montagem, coloca a percepção e a memória como elementos dominantes no processo de articulação do significado, detonando efeitos no intérprete.

A semelhança do livro com telas projetivas e televisivas – símbolo de comunicação do mundo midiático – cria um circuito de relações que pressupõe agentes sem os quais o processo não poderia se efetivar. Estabelece-se, assim, uma relação dialógica – o espectador participa de uma transação a que assiste e legitima. Imagem e realidade tocam-se. No contato, o que se materializa são fantasmas de luz e sombra habitando um mundo sem gravidade e que só pode ser invocado por uma máquina de leitura. O livro converte-se nessa máquina. Destruindo o canal fora e dentro, o olhar antes à distância aproxima-se, interpõe-se a concorrência da mão: o livro lê e reinterpreta. Essas identificações se fazem por efeito de montagem conceitual. São atrações dominantes pensadas por meio da sintaxe da montagem, que devem produzir fluxos sinestésicos que, de alguma forma, envolvam os sentidos. Um projeto estético e ideológico concebido (pela autora), dessa forma, para gerar impacto psicológico. O produto estético é feito de metalinguagem e da hibridização de códigos: códigos do códice, cinematográficos, da reportagem televisiva, da literatura, da pintura, da fotografia que conferem a sensação de captura de ações rudes gerando tensões com presenças impactantes. As figuras são ideias e carregam conceitos, especialmente quando confrontadas na urdidura plástica da montagem. A estrutura dessa obra funciona como que um diagrama de imagens mentais que se perfilam no momento de produção e da recepção.

4. *Zubair e os labirintos*, de Roger Mello publicada em 2007 é uma obra que faz referência ao saque ao Museu de Bagdá, durante recente guerra. O projeto gráfico desse livro é composto de dois livros interligados, um é lido da esquerda para a direita em forma de tapete dobrado e o outro é um feixe de páginas – para ser lido da direita para a esquerda – dentro desse tapete. Os sentidos da leitura figuram a forma de ler no oriente e no ocidente.

No âmbito da temática, evidencia-se uma perspectiva crítica a respeito da violência e da guerra, bem como do impacto dessa experiência para a destruição de legados da história e projetos humanos. Com visão muito aguda, por meio da ficção, Roger Mello chega a um mundo demasiado real e que carece de sentido; à semelhança de Jorge Luis Borges, ele cria fantasmagorias tão coerentes que nos faz duvidar a princípio do que seja linguagem e do que seja realidade. O artista reveste a realidade brutal, valendo-se de uma complexa trama de linguagens.

A obra diagrama-se de modo a sugerir uma viagem por labirintos. A fragmentação dos múltiplos espaços e a intervenção do passado no presente, através da memória, leva à consciência da instância que narra, ora observador, ora imerso na narrativa. A obra tece-se em camadas de sentidos. Assim como o faz Zubair na narrativa, “[...] desembrulhando uma, duas, três vezes, o tecido espesso abraçava um livro em que se lia: *Os treze labirintos*” (MELLO, 2007, s/n). Verifica-se: o livro dentro do livro e leitura dentro da leitura. Camadas labirínticas prendem o leitor à história, por meio da escrita, das imagens e do constructo do próprio livro como objeto. O aparecimento do segundo livro traz à tona uma intrincada relação de internarratividade.

O livro, como um elemento modular interagindo com o todo dentro de uma biblioteca com muitos livros, também é uma biblioteca, na medida em que suas interfaces com outros encadeiam um feixe de conexões. A rede de interfaces pela qual se tem acesso a todos os livros retoma uma imagem mítica – a biblioteca de Alexandria –, um centro contendo toda a literatura, as imagens narrativas e o conhecimento do mundo. Essa é a ideia do hipertexto.

O hipertexto, a partir de 1990, ganhou forma de hipermídia com a integração na tela do computador, por meio de *links*, de imagens, sons, animações em uma complexa combinação entre texto, hipertexto, multimídias e multilinguagens. Fundiram-se formas de comunicação: a escrita, a audiovisual, as telecomunicações e a informática em um único ambiente digital. Nesse cenário de hibridação, a escrita aparece sob a forma de vínculos não lineares entre fragmentos associativos, interligados por conexões conceituais (campos), indicativas (chaves) ou por metáforas visuais (ícones) que remetem de um percurso de leitura a outro, num clicar de botão. O hipertexto entra nos campos tátil, auditivo e corporal da linguagem.

A hipermídia é uma linguagem que nasce com a revolução digital. Constitui uma produção derivada de matrizes numéricas, gerada por computadores e vídeos, processos infográficos de produção de linguagens verbais, visuais e sonoras. Do ponto de vista do

suporte, consiste em dados transcodificados numericamente num espaço a n dimensões. Esse suporte físico tem sua existência em telas de luz e sons codificados. No caso dos textos em hipermídia, o autor concebe seus elementos e o algoritmo combinatório, ficando a cargo do leitor a *realização da obra*, ainda que cada um o faça de forma diferente. O caráter não-linear das memórias de computador permite que os vários fluxos textuais estejam ligados entre si por elos probabilísticos e móveis e ser configurados pelos receptores, de modo a compor possibilidades instáveis. Isto permite ao autor e leitor intercambiarem polos de atuação de modo muito operativo.

Um diagrama subjaz às possibilidades de navegação que o texto permite. Nele é possível perceber uma estrutura arborescente. Os vários caminhos fornecem ao leitor atos de leitura e de conferência e remetem, em metalinguagem, a percursos de leitura, como ato complexo, que aciona estratégias cognitivas e metacognitivas, engendrando hipóteses, experimentações, conferência, controle, e que permite amadurecimento. A leitura no ambiente digital oferece ao leitor a oportunidade de mover-se no ciberespaço utilizando habilidades construídas em outras navegações. O leitor trabalha com alternativas dadas, mas de forma a recolocá-las em circulação com as possibilidades virtuais do texto; por meio desse processo, devolve-se o texto a uma fase anterior à seleção final de seus elementos constituintes, restituindo-lhe variantes possíveis. Desse modo, o leitor opera com um número elevado de interações, o que exige dele interferências, diante de incertezas, indeterminações e de fatores aleatórios.

Como o texto hipermidiático também não apresenta uma linha de raciocínio fechada, ele se abre para a experiência da percepção, da imaginação, do raciocínio do leitor como um processo que se modifica sem cessar, adaptando-se em relação ao contexto e jogando com dados disponíveis. A leitura ganha esse caráter lúdico, mas exige esforço intelectual e a decisão de querer ou não imergir nesses meandros textuais, com o risco de retornar a pontos mais complicados.

Segundo Arlindo Machado (2002, p. 254), a forma labiríntica da hipermídia repete a forma labiríntica do *chip*, ícone por excelência da complexidade em nosso tempo.

Experiências em hipermídia valem ser visitadas e exploradas.⁹Entre essas comentamos rapidamente *OH!*¹⁰. Nesta, Angela Lago constrói, em misto de desafio,

⁹Sugerimos a exploração das obras hipermidiáticas realizadas por Angela Lago, disponíveis em <http://www.angela-lago.com.br>.

¹⁰ Vale considerar: outro aspecto importante da produção contemporânea para crianças e jovens – o

mistério e humor, uma narrativa que é um jogo assombrado. O enredo é construído visual e sonoramente. Sendo destinado a crianças, o encadeamento vai se dando com a intervenção de seu receptor munido de um instrumento de comando – o *mouse*. A constituição sonora dessa hipermídia é feita de *samplers*, onde os arquivos de áudio não se encontram disponíveis. A linguagem sonora é fundamental para marcar a sintaxe e a temporalidade da narrativa. O receptor é colocado no jogo da sintaxe dos corpos sonoros.

O ambiente digital agrega, em suas infovias, múltiplas linguagens e múltiplas mídias que resultam no próprio espaço narrativo, exploração que vai requerer do internauta atenção, repertório, coordenação, escolhas, identidade cultural.

Na esteira de Angela Lago, Roberta Asse realiza recentemente um livro-aplicativo disponibilizado nas plataformas IOS e Android¹¹. “A trilha” é uma narrativa a ser percorrida e criada em seu próprio percurso com a interação do leitor internauta. A linguagem verbal e a visual aqui são fundamentais para marcar a sintaxe e a temporalidade da narrativa. O leitor é levado a projetar-se no texto, a imergir simbolicamente em busca de uma rota de navegação cujo percurso se faz em um emaranhado de linhas, sons, letras e imagens geradas pelo *software*. A narratividade se constrói pela ação do internauta ao toque na tela eletrônica. Ajudar Martim a chegar onde pretende é o desafio sugerido.

Vale lembrar que, ao fim e ao cabo, os jovens contemporâneos são muito hábeis na exploração dos textos digitais, operam com a hipertextualidade que a navegação exige, exploram a complexa rede textual e seus *links* múltiplos. Verifica-se, entretanto, que as narrativas digitais têm sido pouco exploradas como forma de leitura na escola. Da mesma forma, o são os diagramas hipertextuais que engendram as narrativas. Além disso, ainda se percebe que a instituição escolar, muitas vezes, escamoteia problemáticas que ainda são polêmicas.

Considerações finais

Pensar na literatura infantil e juvenil considerando as dobras que a entrelaçam à educação, no contexto contemporâneo, significa apontar para questões de enfrentamento

imaginário da morte – assunto também explorado por Maffesoli e estudado por nós, no exame de livros, de filmes, de HQ, de animações e games (não contemplado neste artigo).

¹¹ Obra finalista do 57º prêmio Jabuti em 2015.

e busca de canais de inteligibilidade que questionem a história, suas representações e a própria dinâmica do conhecimento humano. Impulso esse de reflexão que nos levou a mapear alguns dos desafios de nosso tempo e a pensar naqueles que a escola tem a encarar, em especial, se pensarmos na formação do leitor literário.

Marcas históricas distintas singularizam as formas artísticas, já que são várias as migrações e reinvenções de imagens, concepções e estruturas que se alinham para formulação de diferentes conceitos estéticos. Os espaços textuais (re)tecem-se em fluxos operativos entre a participação do autor e do leitor e agora da tecnologia que participa da concreção da obra. Nossa era traz uma “[...] sinergia de fenômenos arcaicos com o desenvolvimento tecnológico” (MAFFESSOLI, 2014, p. 22.) Os trânsitos e diálogos diferenciados atestam uma ecologia cultural bastante complexa que se traduz por via do imaginário, fertilizado pela própria inventividade de que o texto artístico é portador.

A apreciação estética é lúdica, mas ao mesmo tempo reflexiva, tornando-se capaz de regenerar sentimentos e fundar pensamentos críticos a respeito do concreto histórico, posto que entram em jogo releituras da história, do concreto social, da herança cultural, da vida vivida, da literatura por meio de vozes dissonantes na apresentação de uma verdade polifônica. Se os códigos verbais e não verbais se tornam essenciais para a construção dos sentidos, códigos de sistemas sociais, culturais e literários, também constituem estratégias discursivas.

Os desafios da educação passam pela compreensão das consequências epistemológicas e existenciais que as transformações – que estão ocorrendo – têm imposto às reflexões intelectuais de nosso tempo. Não podemos nos deixar cegar pelas luzes das tecnologias, mas é necessário entrever, em seus matizes, projetos novos – isso demanda coragem e força para lidar com o que se mostra intempestivo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. São Paulo: Argos; Santa Catarina: Chapecó, 2009.

BORGES, J. L. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1995.

DARTON, R. *O Grande Massacre dos Gatos e outros episódios da História Cultural da França*. São Paulo: Graal, 1986.

- HAAN L.; STERN N. *King & King*. Berkeley: Trycycle Press, 2012.
- HONWANA, L. B. *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. Lisboa: Cotovia, 2008
- LAGO, A. *Cena de Rua*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.
- MACHADO. A. *Pré-cinema & pós-cinemas*. São Paulo: Papyrus, 2002.
- MAFFESOLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- _____. *O tempo retorna: formas elementares da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- MELLO, R. *Zubair e os labirintos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTAELLA, L. *A Ecologia Pluralista da Comunicação*. Conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.
- ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1987.

Data de submissão: 20/07/2016

Data de aprovação: 10/09/2016